

encamado por seus fluidos, os quais eles nunca conseguirão ficar. Nos estágios elevados do Plano Espiritual também seifica o perispírito, seja a aparência dos bons, com a finalidade ajudar, ou a de outros que, no momento, não têm por si mesmo como mudar. Recuperam inúmeros socorridos, cujas parências se transformaram em figuras monstruosas, animais e deformadas, para os deixar com aspecto normal. Também Odem rejuvenescer, ou tomar a aparência de antigas encarnações. Os desencarnados bons só usam esse processo com alguma utilidade. Mas, basta saber, para mudar de aparência em qualquer lugar e por motivos os mais diversos; se são bons, para ajudar; se, maus e brincalhões, para enganar, confundir e assustar. Porém continuam a ser os mesmos, em relação à elevação moral, só mudam a forma.

Com Walter foi usado esse processo. Fez-se uma regressão de memória, até que ficasse com a aparência da idade de meses antes de começar a se drogar. Forçando mais um pouquinho, conseguiram, com êxito, fazê-lo se sentir mentalmente como estava na aparência. Tornou-se, então, um garoto de catorze anos, gorducho, rosado de olhar esperto. Com o semblante de quando era jovem, não foi difícil fazer com que assumisse sua vida daquela época, mesmo porque no seu inconsciente havia um desejo enorme de fugir de sua atual situação. Consolidado seu equilíbrio, assumida estava a situação. O doutrinador tem que adquirir, nessas horas, a confiança e a amizade do socorrido. Através do carinho e da compreensão, convidaram-no para ver a vida de um amigo seu que muito errou e que cecivava de auxílio - neste caso, a vida dele mesmo. Então mostrando sua auto-escravidão no vício e seu constante sofrimento. Quase sempre, ao ter alguém as primeiras s de seu passado, já drogado, há também recusa instintiva ver aquelas atitudes, como também a recusa de admitir fora ele próprio a viver determinadas passagens. O doutrinador deve, então, insistir para que se concentre no personagem assistência. Em poucos instantes, ele se reconheceu e começou a se desesperar, tentando assumir novamente seu estado 'or, de drogado. Nesse momento é preciso muito esforço

102 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

dos trabalhadores desencarnados, para lhe manter o equilíbrio. O doutrinador deve ter autoridade direta sobre ele, mantendo-o no estado em que foi levado, pela regressão, isto é, permanecer com a aparência física e mental de antes de se drogar. Deve agir com muita autoridade, afeto e carinho, insistindo na sua recuperação. Com Walter que já havia sentido a harmonia do

estado anterior, antes de se drogar, encontrou base para não se desesperar e assumir de novo o equilíbrio, já na sua personalidade atual. Não se deve esquecer também que, durante todo o socorro, nesse processo o equilíbrio do médium é fundamental

P
oís naqueles momentos os dois agem como um só. Também o médium deve estar em sintonia com o doutrinador, respeitando-o e confiando na sua capacidade de dirigir os trabalhos. Walter se analisou e meu pai, como orientador encarnado orientou-o, até que ele passou a entender p
si tuação:

erfeitamente sua

- Meu filho, você está numa reunião de Amor e Caridade. Aqui tentamos ajudá-lo, para que seja livre. Estamos a lembrá-lo do que aconteceu, dos fatos vividos por você. Você é um garoto sadio que foi experimentar drogas e a elas ficou preso. Recorde! Uma dose, a segunda, mais outra e veja como ficou. Desencarnado, você continuou, em espírito, ligado às drogas porque a morte não nos liberta de nossos vícios.

Página 1

Walter ficou assustado. Lembrou-se de tudo e lágrimas es-
correram abundantes de seus olhos.

- Perdão, meu Deus! Perdão! - falou emocionado.
- Tenho '

hOrror em ver como fiquei! Não quero ser um trapo humano!
ueroicar assim, sadio e com raciocínio. Nunca mais me
viciarei!

- Então aceita nosso auxílio? - indagou meu pai.
- Peço-o em nome de Deus! - falou Walter chorando.
- Será acolhido e orientado!

Walter foi tirado de perto da médium, quando Elisa pegou
na sua mão e lhe disse com carinho:

- Walter, meu filho! Meu anjo!
- Mãe - disse ele. - Minha mãe!

Olhou para Elisa e não a reconheceu, mas sentiu que ela
rra, ou melhor, fora sua mãe. Elisa fora sua genitora em encar-
iação anterior.

- Sim, sou eu, sua mãe Gertrudes - disse Elisa (nome que
ua mãe adotara no plano espiritual).

Walter, cansado pelas emoções, adormeceu nos braços de

Elisa que se pôs a chorar baixinho, com emoção e gratidão.
Finalmente a mãe recuperara seu ente querido.

O processo utilizado tem êxito, em recuperação de desen-
carnados viciados, pois tomando a forma perispiritual de antes
de se viciar, adquire-se mais força para dominar a situação.
Alguns, nesses processos, não recordam o período de viciado,
mas é bom que o façam para que saibam e entendam o tanto
que sofreram. Todos os socorridos do Túnel Negro pediram
ajuda e foram acolhidos, por isso o tratamento continuaria,
sendo eles encaminhados a hospitais próprios, onde a ajuda
psicológica seria a mais importante, juntamente com a Evange-
lização.

Em algumas doutrinações, como a de Walter, pode aconte-
cer de o socorrido ver tudo o que se passou com ele e não
querer a ajuda oferecida, preferindo continuar no vício. A esco-
lha é do socorrido, pois todos nós temos o livre-arbítrio a ser
respeitado. Nesses casos, o doutrinador ainda deve argumentar
tentando ajudar na recuperação. Se houver ainda recusa, deve-
se deixar que se comporte como escolheu e ser retirado do
local do Centro Espírita. Sem sustento de bons fluidos, é costu-
me voltar logo ao estado deplorável de drogado. Será, entretanto,
em outra ocasião, socorrido novamente e, quando estiver can-
sado das drogas, aceitará a ajuda.

Também o doutrinador deve ficar atento para não deixar o
socorrido ter remorsos destrutivos, incentivando-o a ter espe-
ranças de vida no futuro e reparar seus erros através do trabalho

i
útil e no Bem.

Uma convidada, desencarnada, que assistia à reunião in-
dagou a Maurício, que estava ao meu lado:

- aurício o drogado é responsável por todos seus atos
M
errados? Como, por exemplo, aquele rapaz que, ao discutir

com sua mãe, a empurrou com força, levando-a a cair e bater com a cabeça e desencarnar. Agindo assim sob o efeito da droga, ele é culpado?

- A intenção, em um ato errado, é pior às vezes que o próprio ato - respondeu o interpelado. - Ele não teve a intenção, não queria a morte física da mãe, mas foi a causa da sua desencarnação, daí a sua culpa. É muito difícil um drogado não saber que age erradamente e que poderá provocar, por isso, acontecimentos trágicos em sua vida. Em todos nossos atos, o que importa é a intenção e, assim, notamos que aquele jovem tinha na mente este propósito, que lhe trazia muitos sofrimentos. Vimos também que a recuperação total dos viciados que não praticaram outras faltas, é mais fácil, o mesmo não acontecendo com alguns que, além do vício, cometem outros erros.

Deve o encarnado pensar bem nisso, antes de seguir o caminho das drogas. Nas conseqüências tristes que advirão, como aconteceu a este rapaz que, mesmo amando a mãe, foi a causa de sua desencarnação.

A reunião terminou após a oração, quando os orientadores espíri tuais energizaram beneficentemente todo o ambiente e, também, as pessoas presentes.

Os encarnados conversavam trocando idéias, e os mentores espíri tuais estavam contentes com o êxito da experiência. Todos os socorridos do Túnel Negro passavam relativamente bem. Elisa levaria Walter para a Colônia Perseverança, onde trabalhava, pois, desde que soube ser ele viciado em tóxicos, pediu para trabalhar naquele setor do hospital, onde os intemos se recuperavam das drogas. Agora iria também cuidar dele. Despediu-se de nós emocionada e chegando perto do meu pai, agradeceu; ele sentiu uma vibração diferente, carinhosa, que só os gratos conseguem emitir, e sorriu em resposta.

Dois trabalhadores desencarnados do Centro Espíri ta ajudaram Elisa a transportar Walter, ainda adormecido, para a Colônia. Terminados os trabalhos todos foram embora, e os espíri tos socorridos conduzidos para novas acomodações. Após as despedidas, voltou a rotina no Centro Espíri ta, até a próxima reunião.

O VÔO DA GAI VOTA

Também retornei à Colônia e aos meus afazeres. Porém surpreendi-me com as notícias. Natan já havia descoberto quem entrara nos seus domínios e, raivoso, queria acertar contas.

Acompanhei os acontecimentos.

I atan

Sempre que possível, ia às reuniões no Centro Espíri ta, para me inteirar dos acontecimentos. Quando não podia, Artur, um dos orientadores do Centro, amigo de muitas encarnações de meu pai, me colocava a par da situação.

No Umbral, os chefes sabem de tudo o que lá acontece, com relativa facilidade. Natan, ao voltar ao Túnel Negro naquela noite em que lá estivemos, cientificou-se de tudo. Disseram-lhe que vários espíri tos, comandados por um ainda encarnado, entraram em sua fortaleza, levando com eles os que quiseram ir.

Nada danificamos com nossa excursão ao Túnel Negro, só tiramos alguns sofredores de lá. Porém, como Elisa previu, Natan logo soube o nome do encarnado, onde ele morava, seus familiares e o Centro Espíri ta que freqüentava. Dois de seus servidores, espíri tos ligados a ele no trabalho no Túnel, foram observar meu pai e o Centro Espíri ta.

GAI VOTA2. TXT

Na reunião seguinte, foram os dois servidores ao Centro Espírita levar um recado de Natan. Entraram como convidados, sem se despojarem de suas armas e aguardaram o início da reunião em silêncio. Um dos orientadores da casa lhes explicou como deveriam proceder. Como queriam falar pela incorporação, tiveram que aguardar na fila, e só seria permitida a comunicação deles no momento previsto. Um deles ao observar o ambiente, curioso, conteve-se para não chorar, ao ouvir a explicação do Evanêlo e as orações e, quando foi chamado para se incorporar, pediu ao companheiro que o fizesse. O

O VÔO DA G

107

quieto e o tempo no Centro, estava ar que era, desde que entraraforçando-se para dem. E erto do e a baixa onstr

de cab ç, es ordens recebidas de Natan, P cado, seguindo as ondeu ao cumprim

ara a in corporação, resp a. Depois, a e'ist do e ss

di um, p ip ida a pala o que veio como i-noite, quando lhe f áe Natan falou ara

uenciado pela mente ' do Tú el Negro estivesse ali. róprio, como se o chefe ue fizeram nos fosse o p n não gostou da invasão os reparação.

- Meu chefe Nata violação e exigi os uma tender um pedido us domínios. Sofrem ão foi para a o sei por mos também que essa inv lle ela estava junto . Nã

s ua filha desencarnada, e gtáveis, já que foram lá só para a

por impre ue se interessam s gatá-los anos de imp - meu

- Por que chama os toxi côm restáveis. i ai ainda ou.

- Nem racioci -

- respondeu ele ri ndo.

- São outra coisa.

para expenências. Dro ados são mfr encar- nam mais! Só servem uando se quer vingar de algu inúteis. Não é à toa que, q ele tiver tendência, perde-se nado, incentiva-se-o ao mpletamente escravo da droga e nos tóxicos, tornando s. Viciados são fantoches, farrapos presa fácil de seus vingadores m terem levado de lá os impres-

. Natan não achou rui humanos m entrado lá sem pe issão. táveis. Irritou-se por tere permissão, ele consentiria? - ainda-

- Se eu tivesse pedido

gou meu pai. d ria os imprestáveis - respondeu

- Entrar lá não! Mas lhe a

le ri ndo cini camente. isti u meu pai, que

pelo amigo e o viu na fila dos que iam p Procurou socorridos. Olhou ara a Colônia, como para ele e não falou nada. Saiu do Centro Espírita e foi cumprir a tarefa que lhe impusera o chefe. Como previsto, Natan não gostou da resposta e, no dia

seguinte, preparou bem seus servidores, armou-os e orde Ç u que fossem ao Centro Espírita e o invadissem. Deu instrução para expulsarem todos que lá se encontrassem e quebrarem tudo, mas não foi junto, ficou no Túnel Negro.

Artur, prevendo o ataque, organizou a defesa do Posto e do Centro Espírita, para que todos os aguardassem tn áqalm perto, taram realmente invadir, mas, quando se enco

Artur e os companheiros foram ao encontro deles, domi nando-os ela força mental, imobilizando-os. Levaram-nos, em seguida, pa á o átio, já desarmados, e depois os encami nharam para o Posto, acomodando-os numa sala própria. Tudo normalizado, Artur conversou com eles, durante horas. Perguntavam sobre tudo e Artur os esclarecia. Viram a Colônia, pela tela, e lhes foi oferecido socorro médico e abrigo. Após, Artur abriu a porta da sala e disse:

- Podem sair os pue quiserem, só que irão sem as armas. Os que desejam ficar conosco serão bem-vindos.

Muitos se mostravam indecisos. Se voltassem, seria como fracassados, não tendo cumprido a tarefa que lhes fora confiada. Temiam o chefe, mas gostavam da vida que levavam, e não queriam mudar. Foram poucos os que gostaram do que lhes foi oferecido por Artur, em nome de todôs os trabalhadores do Centro. Muitos dos desencarnados que vagam pelo Umbral, não têm idéia de outra forma de vida na espíritualidade e, ao conhecer, geralmente aceitam, querem a mudança. Outros, indiferentes, preferem mesmo é continuar como estão. Do grupo de Natan, alguns ficaram na sala, mas a maioria saiu. Muitos pe dirigiram para o Umbral, onde iriam vagar sem rumo, pois não tinham disposição de voltar ao Túnel Negro, de vez que temiam Natan. Outros, mais corajosos, voltaram, e ficamos sabendo depois que não foram castigados. Os que permaneceram e aceitaram socorro, foram encami nhados para a Colônia, para a Escola de Regeneração. As armas deles, feitas do mesmo material que consti tui nosso peri spírito, foram destruídas.

Natan mandou dois de seus servidores, os de sua confiança ara ficarem perto de meu pai e eles trouxeram outros dois

' p , que foram induzidos a pensar que desencarnados, viciados

110 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

meu pai ia lhes dar drogas. Desencarnados nesse estado têm fluidos pesados e angustiados. Por isso, Artur levou os dois viciados para o Posto do Centro, onde receberam os primeiros socorros, sendo depois orientados em reunião, da mesma forma que Walter, e obtiveram o mesmo êxito. Artur fez um esquema especial de proteção aos médiuns e frequentadores do Centro, para que não fossem atingidos pelas vibrações dos seguidores de Natan, como também para as pessoas que sempre estão com meu pai, inclusive os familiares. Os outros dois

os servidores de Natam, meu genitor convi dou-os para ficarem com ele. Seguiram-no de perto, por dias.

Natan, vendo seus dois melhores auxiliares em perigo, chamou-os de volta. O perigo, para ele, era o de se converterem. Meu pai ora, medita, lê e faz com que os desencarnados que estão junto dele, escutem. Trata-os com bondade, porém com firmeza e não aceita suas interferências. Apesar de cansá-lo muito essa conduta, ele sabe que tem de estar vigilante vinte e quatro horas por dia. E esse tipo de pressão o tem feito crescer, porque o "orar e vigiar" o coloca constantemente em vibração maior, que atinge os desencarnados de forma diferente, levando-os a refletirem e a pensarem em Deus.

Natan veio encontrar-se com meu pai. Esperou-o à noite, perto do Centro Espírita, e disse a um dos guardas que queria falar-lhe. Meu pai foi ao seu encontro.

- Você é um feiticeiro terrível! - disse Natan. - Não quero que nenhum dos meus companheiros sofra sua influência. Exijo uma reparação sua e tudo ficará por isto mesmo, mas que vá ao Túnel Negro e me peça desculpas. Abro mão do resto.

A palavra "feiticeiro" foi empregada por ele, para definir aquele que tem força mental e que a usa tanto para o bem como para o mal. E o tom de desprezo seria para ofender. Desencarnados que, temporariamente estão seguindo o mal,

15 - Anteriormente, o Sr. José Carlos havia convidado dois espíritos para ficarem ao seu lado e agora convidou Natan. Para fazer isto, é necessário ter muitos conhecimentos e moral elevada. Alerto os encarnados, para não agirem assim, sem o preparo devido. (N. A. E.)

gostam de chamar meu pai assim, como também de indiano, porque ele, em muitas encarnações, teve a Índia como berço.

- Você tem me observado - respondeu meu pai -, deve saber que sempre que erro, peço perdão de coração. Nunca peço por orgulho, pois levo muito a sério o ato de me desculpar. Quando o faço, é porque entendi que errei e procuro não mais incidir nessa falta, para não ter que me desculpar pela segunda vez pelo mesmo ato. Isto porque, reconhecendo meu erro, me esforço para melhorar. Não me arrependi por ter ido ao Túnel Negro e libertado não só o desencarnado, que foi o motivo de socorro, mas todos os que quiseram nosso auxílio. Faria de novo, por isso, em respeito a você, não posso me desculpar.

Para nos reconciliarmos com alguém, mesmo não sendo culpado, não nos custa pedir desculpas. Meu pai com sua atitude estava querendo ajudar Natan. Tentava fazer que esse espírito se voltasse para Deus.

- Atormentarei você! - exclamou ele.

- É um direito seu - respondeu meu pai. - Convido-o a ficar comigo. Só que eu também tenho direitos. Você tentará me atormentar, atingir-me, eu me esforçarei para não receber sua influência negativa, como também tentarei transmitir-lhe as minhas sugestões. Terá que me escutar! Será só entre nós dois. O mais forte irá influenciar o outro. E o mais forte será aquele que tiver a vida, os pensamentos e as atitudes baseados na verdade. E a verdade nunca será produto de nosso desejo, esperança ou ambição, mas, sim, sempre a mesma, infinitamente, no tempo e no espaço.

- Não sou de fugir de desafio. Vou agora ao Túnel Negro tomar algumas providências e voltarei. Aguarde-me!

- Não o estou desafiando. Será um prazer conviver com você! Vamos aprender muito um com o outro.

Natan afastou-se, já havia perdido muitos dos seus seguidores e achou que só ele estaria apto a dar uma lição merecida naquele que, em sua opinião, o desafiara. Estava com raiva de todos do grupo, e com os desencarnados, sabia por antecipação que não podia com eles. Com meu pai era, porém, diferente, ele estava na carne, sujeitado a muitos condicionamentos e me-

lindres devido às necessidades e funções do corpo, sendo assim mais fácil de atingir e prejudicar. Entendi a que, atingindo um encamado, atingiria a todo o grupo. Organizou, então, o Túnel Negro para que continuasse a funcionar sem ele e, assim, no outro dia, foi ao encontro de meu pai e começou a acompanhá-lo de perto. Meu genitor continuou com sua vida normal, de trabalhador no plano físico e espiritual. Natan não ficou, de imediato, como obsessão de meu pai, mas sim curioso, e com raiva daquele momento, quis conhecer como era o dia-a-dia de uma pessoa tão diferente das com que convivera.

Natan pressionava meu pai. Forçava-o a pensar em coisas mundanas, para que baixasse a vibração. Meu pai, por outro lado, meditava em coisas superiores e Natan era forçado naturalmente a sentir as mesmas coisas. Percebia as sugestões e desejos terrenos. Porém, mostrava mentalmente a Natan a estupidez e a mediocridade daqueles que usam as necessidades e funções do mundo físico, como propósito de vida. À noite

meu pai desligado do corpo físico se dirigia para o trabalho espiritual e Natan ia junto. Encaminhava-se ao Posto do Centro P,

para cuidar dos doentes, conversava com os socorridos, e ele ao seu lado. E foi assim, por muito tempo, até que Natan começou a se interessar pelo trabalho realizado no Posto, e começou a falar de si, e meu pai atenciosamente o escutou.

Natan foi médico, quando encarnado. Ambicionando enriquecer, usou a medicina somente como profissão para ganhar dinheiro. É preciso lembrar que o trabalhador faz jus ao seu salário, mas nenhum profissional deve só visar o lucro, mas sim fazer também, através de seu trabalho, todo o bem possível. Médicos lidam com dores e por isso devem, também, ser humanitários. Trabalhem pelo sustento material, sim, mas sem se esquecerem de fazer aos outros o que queiram que lhes façam. Natan fez muitos abortos e recebeu remédios proibidos, desde que lhe pagassem. Mas a desencarnação chegou e se viu diante de muitos inimigos que queriam vingança. A situação o apavorou demais, primeiro porque era ateu, segundo, porque aquele bando o atormentava sem poder destruí-lo. Vingavam-se por tê-lo impedido de reencarnar, ou por não terem sido atendidos, porque não podiam remunerá-lo. Estava irado

quando o tiraram de seus perseguidores. Eram espíritos, moradores de uma cidade umbralina, que vieram e o levaram. O chefe dessa cidade sabia quem ele era, mas deixou que sofresse por uns tempos, para que ficasse lhe devendo obrigação. Natan não é o nome verdadeiro dele, tendo escolhido esse cognome tempos depois, talvez para impor mais respeito a seus inferiores. Levado à cidade umbralina, o chefe conversou com ele e lhe ofereceu abrigo em troca de seu trabalho como médico. Natan não era ocioso, sempre foi trabalhador, por isso aceitou e se aliviou por ficar livre do bando que o perseguia, mas com o qual aprendera tantas maldades. O chefe daquele local, no intuito de organizar um lugar especializado em tóxicos, fundou o Túnel Negro e o colocou para administrá-lo. Com o passar dos anos, o chefe se desinteressou pelo lugar e Natan ficou sendo o senhor absoluto.

O Túnel Negro não forçava ninguém a ficar lá e nem seus moradores saíam à procura de desencarnados para irem lá. Os viciados desencarnados é que o procuravam, em busca das drogas. Só que, depois de serem abrigados, tinham que seguir as normas da casa e trabalhar para eles. Existem muitos lugares, abrigos, cidades no Umbral, para onde os desencarnados viciados são levados como prisioneiros. Como também há ou-

tros lugares, como o Túnel Negro, onde os desencamados não são obrigados a ir e nem a permanecer. É lugar de livre acesso. Mas Natan era insatisfeito e isso lhe doía e o atormentava.

Instalou-se, então, a troca de fluidos entre eles. Meu pai começou a sofrer os de Natan, sentindo doer-lhe por dentro, como um vazio profundo. Certo dia, meu pai estava meditando e Natan perto dele, quando meu genitor lhe disse:

"Natan, é falta de Deus! É a ausência do Pai em você que lhe dói tanto. Você era ateu, mas não pode dizer agora que ainda o é. Por que, então, não se aproxima do Pai?"

Natan não respondeu e se afastou. Depois de meses, era a primeira vez que se afastava. Recolheu-se num canto no Umbral e pôs-se a pensar. No dia da reunião, quase no horário de começar, ele entrou no Centro, pediu licença e se colocou na fila dos que iam receber orientação, pela incorporação. Estava diferente, sem seus colares e suas armas.

114 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK nR f auvnr un

Na sua vez de se comunicar, aproximou-se educadamente de uma médium, cumprimentou meu pai e disse:

- Você me venceu!

- Não! Natan, você não lutou comigo. Mas lutou consigo mesmo. Era a ausência de Deus que o atormentava. Você é infeliz e apenas o convidamos a aprender a ser feliz. Fico contente por você querer mudar. Gosto de você! Venha viver uma vida digna de um espírito.

- Quero ser seu amigo! - exclamou Natan emocionado.

- Sejamos então amigos! Preciso muito de amigos.

Natan foi levado para a Escola de Regeneração. Após ter feito o curso, foi trabalhar num Posto de Socorro do Umbral onde exerce seus conhecimentos de Medicina, em socorro aos necessitados. Sempre que pode vai visitar meu pai e assistir às reuniões do Centro. Trabalha muito. Artur, sempre que o vê, costuma dizer de forma carinhosa:

"Ama muito, porque foi muito perdoado!"

Artur falou, modificando o texto do Evan elho de Lucas VII: 47. "São lhe perdoados muitos pecados, porque muito amou."

O Médico 1º azista

Quando fomos assistir à recuperação de Walter, na reunião do Centro Espírita, defrontamos com um caso muito interessante que me chamou atenção e, por isso, acompanhei o desenrolar do drama.

Estávamos aguardando o início, quando chegaram três pessoas: um casal com a filha adotiva. O casal, principalmente a senhora, queixou-se que a mocinha, a filha, continuava tendo suas crises.

Artur me explicou que Joana, assim se chamava a jovem, era médium e estava sendo obsediada por alguns espíritos, suas vítimas no passado. Tinha crises, em qualquer hora e lugar, e procurava meu pai, em horários inoportunos, para lhe dar passes, porque só assim se acalmava.

Minha mãe foi sentar-se ao lado dela, porque, conforme me explicaram, logo que entrava no Centro, começavam suas crises, e era necessário alguém perto que a controlasse. Seus obsessores possuíam sobre ela o domínio psíquico, mesmo à distância. Queria que sofresse, pois ela os havia prejudicado.

Gosto muito de ver minha mãe, pois amamo-nos muito. É a pessoa de quem mais gosto, e sempre que me é possível vou visitá-la, ficar ao seu lado, porque me é prazeroso.

Joana é uma mulata forte, de olhar malicioso, demonstrando não estar a fim nem de orar, nem de melhorar. Ali está por imposição dos pais e para ficar livre de suas crises, que considera ridículas e que lhe fazem passar vergonha. O seu

116 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

obsessor chefe era inteligente e sutil e, como ela tinha má índole, passou a incentivá-la a fazer uso da maldade, chegando a ponto de incorporar, utilizando-a como médium, e tentar matar a mãe e o pai. Fazia com que descurasse completamente da disciplina pessoal e dos compromissos próprios de sua idade, para envolvê-la no seu ardil. O desencamado transmitia-lhe acontecimentos do passado das pessoas para que, assim, domi-

nasse as mais fracas que a cercavam.

Quando foi levada até a casa de meu pai, o obsessor aceitou, porque confiava que iria dominar qualquer encamado com que defrontasse, sentindo-se assim forte no seu orgulho e pretensão. Vencidos os primeiros embates, o obsessor sentiu-se admirado pela força que desconhecia e quis, então, aprender com eles, com o grupo do Centro, não para melhorar, mas para ficar mais poderoso.

" Artur me pôs a par dos acontecimentos. Joana, em sua encarnação anterior, fora um médico nazista e praticara muitas maldades e experiências com os judeus. Reencamou longe da Alemanha, num corpo feminino e mulato, mas mesmo assim foi encontrada pelos que não a perdoaram. Sabiam que ela comparecia ao Centro para se livrar deles, os obsessores. Sorri-ndo e com seu modo agradável, Artur comentou:

- Patrícia, seu pai, por ajudar a jovem, está sofrendo com o

"
rancor desses obsessores. Mesmo assim, está ajudando-a, em-

G: bora sabendo que ela não gosta daqui nem dele e que, assim que se sentir livre dos desafetos, não voltará mais. Socorremos

i para mostrar aos encarnados a força espiritual de que dispõe

; um Centro Espírita, desde que se trabalhe em prol do bem comum, e também dos que vêm pedir ajuda.

Prestamos atenção na orientação que meu pai deu aos três encamados: pai, mãe e filha.

- Só ficamos livres do nosso passado trabalhando no bem, no presente. Para nos livrarmos de obsessores, devemos pedir perdão, perdoar e nos harmonizar com as Leis Divinas. Precisamos entender que os espíritos têm seus motivos para perseguir as pessoas, por isso devemos entendê-los e tentar amá-los, porque eles também necessitam de ajuda. Para não sermos

n vôo DA GAI VOTA

atingidos pelos obsessores, devemos mudar nossa vibração, sair da faixa mental deles, isto é, pensar em coisas boas e superiores e agir de modo digno, trabalhar no Bem e amar muito. Vocês aqui estão em busca de auxílio, porém devem ajudar a si mesmos. Certamente, quando você se sentir bem, Joana, não voltará mais aqui. Porém, quero lhe dizer uma coisa, você é médium e necessita aprender a lidar com sua

faculdade e trabalhar muito no bem, para viver tranqüila e sem essas crises. Mas, se você se afastar do Centro Espírita e não se modificar, a situação que vive agora voltará sempre. Os Centros Espíritas estão melhor preparados para ajudar nos casos de obsessão, ensinando a lidar com a mediunidade para o bem, e em suas reuniões ouvirá ensinamentos que ajudarão a sua renovação interior.

Joana não gostou muito do que ouviu, mas ficou quieta.

Quando começou o trabalho de desobsessão, três dos que estavam importunando, se comunicaram. Os três, dois homens e uma mulher, foram judeus, ou ainda eram, pois o fator raça se mostrava ainda forte neles. O primeiro estava sem um braço e sem o olho esquerdo. Cumprimentou mal-humorado, não queria conversar com ninguém, foi perto do médium contra sua vontade e falou com raiva:

- Por que interferem no que é justo? Embora tenham outra religião, vocês amam a Deus. Nunca ouvi falar de religião deste jeito. Oram, dizem fazer o bem, conversam com os mortos, mas ajudam os criminosos. Isto não está certo. Por que o ajudam, esse monstro sanguinário?

O desencarnado desconhecia o Espiritismo, estranhando o intercâmbio mediúnico e o ensinamento de que todos somos filhos de Deus e, por isso, irmãos uns dos outros.

- Se eu lhe disser que queremos é ajudar você... - começou a dizer meu pai, porém foi interrompido por ele.

- Ah, mas por que não nos avisaram logo que querem se unir a nós. Quanto mais, melhor!

- Você não entendeu, queremos ajudá-lo a se recuperar, a tomar-se sadio, a viver de modo digno, num lugar propício.

- Quem lhe falou que quero ser sadio? - indagou nervoso.

118 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

- Já me propuseram isto uma vez e não aceitei. Quero ficar como ele me deixou, para ter sempre motivo para odiá-lo.

- Você sofre e faz sofrer - disse meu pai.

- Nem começamos. É melhor dizer: sofre e faremos sofrer cada vez mais - respondeu ele.

- Não vale a pena! Você já pesquisou por que sofreu assim? Se sabe que continuamos a viver após a morte do corpo, que reencarnamos e, por isso, é que você o está perseguindo reencarnado em outro corpo? Então sabe que viveu encarnado outras vezes. Vamos, irmão, recordar seu passado?

A equipe desencarnada, já pronta, colocou à sua frente a "tela", que é como na espiritualidade chamam este aparelho. Ele é denominado de muitas maneiras, havendo alguma diferença de um local para outro, mas é sempre o mesmo e muito útil. O espírito que se comunicava fora, na encarnação anterior também judeu e, numa guerra, havia trucidado muitas pessoas, entre elas jovens e crianças. Ao recordar, deu gritos lancinantes,

tes, mas o médium, treinado, só alterou um pouco a voz isso porque não é necessário gritar. Acalmaram o desencarnado que, com dificuldade, voltou a falar.

- Olho por olho...

- Não, meu amigo - disse meu pai. - É a Lei do retorno: você plantou, você colhe. Não precisaria sofrer assim, se tives-

se entendido a Lei do Amor e feito o bem.

- Ela também pagará pelo que fez? Pelo que entendi, se

GAI VOTA2. TXT

ela não fazer o bem, sofrerá o que me fez sofrer. Você não irá conseguir fazer dela uma pessoa boa. Que será dela?

- Deixe-a, irmão, deixe-a! Cuide de você. Vamos ajudá-lo, pense em Deus. O Pai é bondoso e nos ama.

A equipe médica entrou em ação e com os fluidos doados
P

; pelos encarnados e também ela vontade do espírito que, agora, queria tornar-se sadio. O braço se curou e ficou perfeito, como também o olho.

i' - Perdoe, irmão, para ser perdoado!

- Como não perdoar, se devo tanto? Perdão e peço perdão a Deus. Queria ir para junto dos meus, lá na minha terra.

n VÔO DA GAI VOTA

119

- Atenderemos seu pedido.

Ele saiu de perto do médium e passou para outra fila, a dos que iam para a Colônia. Após a reunião, seria levado à Colônia São Sebastião por uns dias e, depois, seria transferido para onde quisesse. Uma equipe o levaria.

Normalmente reencarnamos em diferentes raças, para aprender amar a todas. Mas, sem ser regra geral, alguns judeus mais radicais ainda têm preferido vir sempre como judeus, a esperar o Messias, pois se julgam os filhos escolhidos, o povo de Deus, mas são, realmente, como todos nós, porque não somos privilegiados pela raça. Aquelas desencarnados, totalizando onze, estavam há algum tempo, nas regiões espirituais do Brasil, à procura, para vingar, deste espírito, que fora um médico nazista. Já começavam a dominar o idioma português, pois o médium que o auxiliou, sempre consciente, não precisou se expressar com sotaque. Devemos esclarecer que o médium transmite o pensamento do espírito e, nestes casos, sentem mais do que propriamente repetem o que escutam. A mediunidade, quando educada, é maravilhosa, e assim possibilitou que, ele, judeu, transmitisse pensamentos que o médium traduziu por palavras.

O outro judeu se incorporou em outro médium e foi doutrinado por uma integrante encarnada, do grupo. Lídia conversou com ele e o fez entender a necessidade de perdoar e seguir seu caminho. Ele, porém, quis ficar em nossa Colônia e, quando fosse reencarnar, preferia que fosse aqui. Não gostaria mais de ser judeu, porque, segundo comentou, os judeus sofriam muito com a segregação. Normalmente esses pedidos são atendidos, porém o departamento próprio da Colônia é que estuda cada caso.

A mulher também incorporou. Parecia fria, porém ao sentir o afeto dos trabalhadores da casa, encarnados e desencarnados, conteve-se para não chorar, e disse com voz comovida:

j
- Não sou má, ele, sim, é maldoso. - referindo-se à ovelha Joana. - Esconde-se em outro corpo, mas é ele. Pensa você que ele é bom? Não! Nos enfrenta e, se pudesse, nos faria sofrer

120 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO.un

tudo novamente. Você acha que é por perseguí-lo que somos maus? Somos vítimas! Vou falar o que ele fez comigo e, então me dará razão.

Fez uma pausa como se criasse coragem para recordar e começou:

- Estava casada e feliz, tínhamos uma pequena fortuna e dois filhos lindos. Quando a Segunda Guerra Mundial começou,

Página 12

nos apavoramos, porque sabíamos muito bem que os nazistas perseguiriam os judeus. Meu esposo alistou-se no exército, na tentativa de impedir que eles nos oprimissem, no país em que vivíamos e, por isso, morreu lutando. Quando houve a invasão

de nossa cidade, fomos presos e nossos bens confiscados. Da prisão partimos para o Campo de Concentração, onde sofremos muito: frio, fome e humilhações. Naquele Campo havia um

outros faziam experiências com os presos, ou simplesmente os torturavam pelo

prazer de vê-los sofrer. Ao ver meus filhos chorarem de fome e frio, e com muito desconforto, resolvi pedir clemência. Solicitei para falar com o comandante e, para minha surpresa, ele me atendeu e me levou à sua sala. Quem me atendeu foi esse aí, o médico nazista, que me olhou de cima a baixo e me indagou:

"Então, judia, que reivindica?"

Pensando que ele ia me ajudar, falei ráido para não perder a coragem:

"Por favor, senhor, aqui estou com meus dois filhos pequenos, passamos fome e frio."

"Se você se entregar a mim, intercederei por vocês" - disse rindo.

Sempre fui muito direita, fiel ao meu esposo, porém, pelos meus filhos, aceitei a proposta indecente. Depois, ele mandou que um soldado fosse buscar meus filhos. Achei que, pela felicidade dos meus, teria valido o sacrifício. E, esperançosa, quando pensei que fosse me dar ajuda, meus dois filhos chegaram assustados e correram ao meu encontro. O mais velho estava com quase sete anos e o outro, com quatro. Gelei quando ouvi a ordem.

"Leve-os ao laboratório!"

Era no mesmo prédio, na sala ao lado. E cada soldado pegou um de nós e para lá fomos arrastados. Amarraram-me fortemente numa cadeira e ele, cínico, me olhou sorrindo:

"Idiota! Judia imbecil! Pensou que eu ia me encantar por você? Verá para que serviu sua astúcia em me pedir auxílio."

Pedi a ele por piedade, pelo amor de Deus, para fazer o que quisesse comigo, sem maltratar meus filhos, porém ele ria. O que me fez ver foi horrível. Torturou meus filhos, cortou-os em pedaços até que morressem. Eles gritavam apavorados, olhando para mim e eu gritava também. Quando os dois não tinham mais vida, veio me torturar. Começou, extraindo minhas unhas. Fiquei alucinada e, aí, perdi o controle, pois a dor era demais. Mas ele não me torturou muito, desencamei, pois meu coração não agüentou. Fui socorrida e fiquei muito tempo como louca e, quando voltei ao normal, alguns espíritos me disseram da possibilidade de vingança. Aceitei e agi, com todas as minhas forças, para me desferrar.

Faço uma pausa nesta narrativa, para algumas explicações. Nos Campos de Concentração, como em qualquer lugar de aniquilamento humano, há muitos socorristas, como também há muitos desencamados que agravam os acontecimentos. Do mesmo modo, costumam ficar outras vítimas a socorrerem suas companheiras de sofrimento. Esta senhora foi socorrida por outros judeus, que ali haviam desencarnado. Não foi, assim, socorrida por espíritos bons, porque ela estava com muito ódio. As crianças e aqueles que perdoavam, eram levados às Colônias ou a outros lugares de socorro. Os que eram vítimas, tanto quanto ela, a socorreram, levando-a para um pequeno abrigo no Campo de Concentração, no Plano Espiritual e, quan-

do ela aparentemente estava melhor, foi convidada a se vingar. A guerra é por demais triste, pelas atrocidades que se cometem. Esforcemo-nos, pois, para que haja Paz, começando com a tolerância e a concórdia com os que nos cercam. A Paz começará em pequeno círculo, mas se a cultivarmos irá se ampliando e atingirá muitos outros e, dessa forma, um dia teremos a Paz por toda a Terra. E fatos como esses, tão tristes, ficarão apenas na história e não mais se repetirão:

122 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZ. R r r n F r n n v n u ,

A senhora emocionada, continuou a falar.

- Ficávamos perto dele sem, contudo, conseguir nossos propósitos e ele ficava mais nervoso e revivia nos risos e risos. Mas a desencarnação chegou para ele, quando foi atingido

por uma granada. Sofreu bastante. Aí, sim, começamos nossa vingança. Nós o perseguíamos por onde ia, e ele vagava urrando pelo Umbral, até que se pôs a gritar por socorro e sumiu da nossa frente. Vim a saber que espíritos bons o tinham levado para ajudá-lo. Nós não fomos socorridos, não queríamos, porque nosso objetivo era fazê-lo sofrer. Durante esse tempo, muitos

desencarnados bons conversaram conosco, aconselhando-nos a desistir, mas escutávamos somente nossos companheiros. Entretanto, vários do grupo desistiram e os acompanharam. Por outro lado, ninguém se esconde de seus erros e nem dos que não o perdoaram. E assim, enquanto procurávamos o perverso,

aprendemos como nos vingar. Anos se passaram, mas conse-

guimos descobri-lo. Agora querem ue eu desista Por acaso aqui há mães e pais? Será que podem imaginar o que é ver o que eu vi? Sofrer o que sofri? Dá para imaginar ver seus filhos amarrados, gritando de dores e desespero? Ódio-o-o! Ódio-o-o!

Fez-se um silêncio total. Todos os desencarnados prestaram atenção, muitos, ao ouvi-la, conseguiram ver suas lembranças. Alguns choraram. Os encarnados também se comoveram. Ela sentiu os fluidos de amor e compaixão de todos. E, em dado momento, uma das trabalhadoras da casa, em espírito, aproximou-se dela, abraçou-a e falou emocionada:

- Minha filha, pare de sofrer! Por favor, recomece sua vida. Também sou mãe e entendo seu sofrimento. Compreendo seu desejo de vingança, porém, digo-lhe que dessa forma você vai perpetuar seu sofrimento. Venha para junto de seus amados e não sofra mais! Chega! Perdoe e venha conosco. Amarei você como uma filha! Venha!

- Minha irmã! - falou meu pai. - Ele reencarnou, e você parou no tempo só para se vingar! Por que não recomeça e tenta ser feliz? Devemos esquecer os momentos ue nos foram cruéis e só lembrá-los para tirarmos alguma lição. É bem me-

lhor pensar somente nos bons momentos. Você é infeliz! E recordando sempre esses fatos, prolonga mais seu sofrimento.

Ilocê acredita em Deus, e se Ele nos perdoa por que não perdoará nosso próximo? Sabe que nada que acontece fica escondido ou impune. Deixe seu algoz, agora Joana, em seu novo corpo, e cuide de você. Perdoe para ser perdoada!

- Quero esquecer! Esquecer!..

Aninhou-se nos braços da trabalhadora da casa que a abra-

çou e, após, foi levada adormecida para a Colônia. A reunião terminou com todos comovidos pelo sofrimento daquela senhora, e eram muitas as orações em seu favor. Emocionei-me, também, ao acompanhar suas lembranças, realmente duras cenas de horror.

Talvez possam vocês pensar que retrato muitas tristezas neste livro. É que as tristezas e as alegrias existem e devemos ser realistas, tirando de fatos tristes lições preciosas que nos impulsionarão com otimismo para o caminho do Bem e para a felicidade. Ao tomar conhecimento de fatos assim, conseguimos entender ambas as partes, e ajudar sem condenar. Por isso como sou alegre, passo minha alegria aos que me rodeiam. A alegria nos fortalece, nos anima e nos dá compreensão da dor do próximo.

Aquela senhora foi internada num hospital da Colônia onde recebeu, por tempos, tratamento, carinho e ensinamentos. A equipe da Colônia encontrou seus dois filhos e esposo, encamadas na Europa, e a levou para vê-los. Estavam os três bem. Depois de algum tempo, ela pediu para ser transferida para a Colônia, na espiritualidade, onde estavam seus entes queridos. Estando bem melhor e com planos para reencarnar, porque só assim esqueceria tanto sofrimento, foi transferida. Despedi-me dela desejando-lhe boa sorte.

Mas ainda faltavam oito obsessores. Sete receberam orientação e ajuda, nas reuniões seguintes. Com cada um deles, uma história triste. Desses onze que obsediavam Joana, com desejo de vingança, dez foram socorridos e só um pediu para trabalhar no Plano Espiritual. Os demais pediram para reencarnar, pois queriam a misericórdia do esquecimento. E todos foram atendidos.

Contudo o chefe dos dez obsessores, de nome Josef, era

124 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

um judeu rude que, ao ver os três primeiros se afastarem, voltou-se furioso contra meu pai, que, como sempre acontece, sentiu-lhe a vibração e tentou, também, orientá-lo.

Artur soube que o grupo tinha seu núcleo na Europa e foi lá, para conversar com eles. Eram vingadores dos criminosos de guerra, que se intitulavam: "Os Ofendidos da Guerra". Constituíam-se em vários grupos, todos unidos entre si. Artur pediu uma audiência com o chefe, um judeu de muitos conhecimentos.

Após cumprimentos, Artur começou o diálogo. E nos contou, depois, que o chefe tinha total conhecimento do que acontecia com seus subordinados, junto a Joana, e não deixou que ele, Artur, falasse muito. Citava com exatidão pedaços do Antigo Testamento. Sabia a Bíblia quase de cor. Falava de muitas passagens para justificar a vingança.

"É olho por olho, dente por dente!" - falou demonstrando calma.

Artur replicou com os ensinamentos de Jesus. Ele disse não acreditar num profeta que se deixou matar. Mas, após alguns minutos de conversa, confessou que reconhecia a força e a presteza dos trabalhadores de Jesus. Artur lhe pediu, então, que parasse com as vinganças; ele riu, se aquietou por momentos, e falou decidido:

"Não é nosso interesse o confronto com ninguém. Temos tempo. Vou suspender a vingança dele por enquanto. Chamarei Josef, o único que ficou, e que é o mais decidido em seus objetivos. Só faço um aviso: teremos outra oportunidade. O mais difícil já conseguimos, pois sabemos onde ele está, que se esconde num corpo de mulher quase negra. É castigo para ele, orgulhoso de sua raça, ter sido loiro e rico, agora quase pobre, mulher, mulata e filha adotiva. Acharemos outros que o odeiam. Ele certamente não ficará para sempre na guarda de vocês, porque não mudou sua conduta."

De fato, Josef foi embora e Joana ficou livre dos seus ob-

sessores, não porém de seus erros. Meu pai chamou-a e a seus pais também, para uma conversa.

- Vocês vieram à procura de ajuda espiritual e a recebe-

ram. Analisem o ocorrido e tirem boas lições de tudo o que lhes aconteceu. Esses fatos são, em parte, consequência do passado e o resultado da maneira de viver sem esforço para a melhoria íntima. Você, Joana, está com sua sensibilidade completamente aflorada, isto quer dizer que você tem a porta aberta para receber influência do mundo astral, sem, entretanto, agora, poder discipliná-la. Só terá influência e sintonia com espíritos bons, por meio de boas atitudes e de bons propósitos. E ficará ligada aos maus, se descuidar do seu aprimoramento espiritual. Se você se afastar do Bem, da oração sincera, e não se esforçar para mudar para melhor, não nos responsabilizaremos pelos acontecimentos futuros. Afastando-se também da ajuda, tudo que passou mais facilmente se repetirá.

Joana não estava preocupada com o aprimoramento espiritual. Queria a era força e poder. Dominar. Mas indagou a meu pai.

- Sr. José Carlos, posso aprender com o senhor.

- Claro que pode. Deve!

- Vou ter essa força que o senhor tem?

- Poderá ter esta e muito mais. Mas, para isso, deve primeiramente educar-se na boa conduta e fazer por merecer a companhia dos trabalhadores desencarnados que convivem conosco. Mude para melhor e queira com vontade fazer o Bem, porque agindo assim aprenderá e muito.

Joana não respondeu. Sentindo-se melhor, afastou-se do Centro. Sua mãe ainda voltou outras vezes, mas também fez o mesmo. Artur me disse:

- Patrícia, nesse socorro, ajudamos mais os desencarnados que essa jovem. Ela, agora, não quer mais saber de seu pai e, quando o vê de longe, se afasta para nem cumprimentá-lo. A figura dele a faz recordar os ensinamentos que escutou, e que ela quer esquecer.

- Como ficará ela? - indaguei.

- Vamos aguardar. Os erros, Patrícia, não conseguimos jogá-los fora, porque nos pertencem, e um dia a reação virá. Quando o grupo de vingadores perceber que ela não está mais sob a proteção dos bons, voltará, talvez, como tenho visto em casos

126 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

assim, com mais sutileza e cautela. Ela, não vindo aqui e nem recebendo outro auxílio, não estará vinculada a uma proteção e, como não faz por merecer nenhuma ajuda, será fácil eles voltarem e se vingarem. Ele, ao desencarnar como médico nazista, foi socorrido, no Umbral, livrando-se daqueles que queriam dele se vingar, sendo levado na ocasião para um Posto de Socorro e logo em seguida reencarnou. Socorro não quer dizer que o indivíduo tenha mudado, porque, mesmo que receba orientação, para mudar será necessária uma transformação interior muito grande.

Fiquei a pensar como a crueldade faz mal ao que a pratica. Quanta imprudência em cometer erros. E a reação desses atos pedirá reajuste no caminho, mas como Deus é misericordioso sempre dá novas oportunidades.

Ao fi ndar esta narrativa, posso concluir que todos nós, en-

carnados e desencarnados, tivemos um grande ensinamento com os fatos ocorridos. Que todos nós temos que aprender a amar, a ser úteis para termos Paz e sermos felizes. É que a alegria interna virá quando superarmos nossos traumas íntimos e ajudarmos outros a fazê-lo. Alegria!

A História de Elisa

Numa das minhas folgas, fui visitar Elisa. Queria rever minha amiga e tinha muito interesse s uiconcá sado p a p elo

recuperação de Walter. O des f r á profunda o peri spí ri to do uso das drogas traumatiza de o arte dos nossos esse vício atinge boa p usuário. Atualmente, rporal e levando-jovens encamados, trazendo-lhes ú tas mazel as. O caso de os a voltar à espiritualidade com

Walter era de meu particular interesse, pelo socorro de que participei e pelo muito que apreôn l comro del anp ntro em meu ara podermos

horário livre, de lazer, coincidi n osto muito de conversar calmamente, trocando idéias, pois g

diálogos edificantes. Elisa esperava-me na portaria do hospital

em que, no momento, trabalhava e onde Walter estava internado. Alegramo-nos quando nos vimos. ir vê-la. Que - Patrícia - exclamou Elisa feliz -, pro ramava

bom tê-la conosco! Quero agradecer-lhe. Foi muito atenciosa conosco. s osta e minha amiga como boa ci cerone,

Sorri em re p mpanhou-me para conhecer o hospital. 1 próprio para aco um hospita Quase todas as Colônias t émóxi co. Em algum as outras

viciados em álcool taba ismo 1 se aradas, em hospita Colônias, esses doentes ficam em a as p is tradi cionai s.

Na Colônia Perseverança, o hospital é separado, grande e com muitos trabalhadores dedicados que ajudam na recuperação

I 28 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

de desencarnados viciados. 'ó Lugar calmo, com muitos jardins, salões para palestras e encontros; suas principais terapias são o trabalho, a música e o teatro. Suas enfermarias são separadas por alas masculinas e femininas e pelo tipo de vício que o intemo possui.

Primeiramente, vimos a parte central onde se situam as salas de orientações, os alojamentos de seus trabalhadores, a biblioteca e os salões. Após, Elisa me levou para conhecer o atendimento aos desencarnados que, no corpo físico, foram fumantes. Estes, se tinham só esse vício, não ficam intemados

só vêm ao hospital para serem ajudados a se libertar da vontade de fumar. Só em casos raros é que um ex-fumante se interna, e isso se pedir, mas, mesmo assim, sempre por pouco tempo. O tabagismo intoxica bastante o peri spí ri to e, nessa parte, fazem

tratamento para que o assistido se liberte da dependência, sendo assim, ele recebe conhecimentos sobre assunto, orientação e apoio que o ajudarão a resolver o problema. Mas só o conseguirão se, novamente reencarnados e tendo oportunidade, não fumarem. Ressalvo o termo oportunidade, porque, se estiver encarnado e, por algum motivo, não puder fumar, não quer dizer que tenha solucionado a questão. Isso acontece com todos os vícios, e só podemos dizer que os vencemos, quando temos oportunidade de voltar a eles e os ignoramos.

A ala dos alcoólatras é grande. O álcool danifica o cérebro, e o aparelho digestivo, sendo muitos os doentes a se recuperar em vários estágios nessa parte do hospital. Os internos, quando melhoram, assistem a muitas aulas, fazem terapia de grupo e avaliam todos os acontecimentos passados por eles, decorrentes do vício, e apreciam as oportunidades de melhora oferecidas.

A parte que nos interessava, era a que Elisa se dedicava com todo carinho, a ala dos toxicômanos. Infelizmente esse local do hospital e os de todas as Colônias têm sido ultimamente ampliadas. São muitos os imprudentes que desencamam

16 - Muitos desencarnados estão tão agarrados à matéria, que se sentem por muito tempo como encarnados, daí a minha referência a "desencarnados viciados". (N. A. E.)

vítimas, direta ou indiretamente, das drogas. Os que estão ali socorridos, têm aspecto bem melhor dos que os que vagam ou os que estão no Umbral. Nas Colônias, são separados pelo grau de perturbação em que se encontram e o tratamento normalmente é longo, requerendo esforço do internado, e muita dedicação e amor dos trabalhadores.

Não pensem os leitores que nesses hospitais só se vêem tristezas. Nada disso. Tristeza é sentimento negativo. Não ajuda e para nada serve, pois só construímos e progredimos com o trabalho alegre. Os trabalhadores dali tinham sempre no rosto o sorriso bondoso e agradável, a palavra amiga e o amor que irradiava e contaminava os internos e, assim, os temporariamente abrigados se sentiam seguros, incentivados, amados, e com disposição para se recuperarem.

O hospital da Colônia Perseverança é muito bonito e acolhedor. Elisa me levou à ala onde Walter estava abrigado, e ele nos esperava no jardim interno que circunda a parte de sua morada provisória. Recebeu-nos sorrindo e estava com aparência sadia, com normal equilíbrio.

- Patrícia - disse sorrindo -, queria tanto conhecê-la e agradecer. Obrigado!

- De nada - respondi. - Como tem passado?

- Melhor, graças a Deus e ao pessoal do hospital. Vou ficar bom logo.

Walter estava com a aparência de adolescente, como aparentava naquela reunião do Centro Espírita. E continuaria assim porque queria essa aparência, a que tinha antes de se drogar. Isso lhe dava mais confiança. Outros, após o tratamento no hospital, podem retomar, se quiserem, a aparência de quando desencarnaram, só que com aspecto sadio.

Sentamos os três num banco e fizemos alguns comentários. Elisa falou alegremente:

- Estou gostando muito de trabalhar neste hospital. Aqui vim por Walter, mas agora não penso em deixá-lo. Quando Walter tiver alta, farei, de vez que já decidi e obtive autorização. Estudarei, para aprender e melhor servir neste campo de

ajuda. E você, Patrícia, quais são seus planos para o futuro.

130 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

- Como você sabe, gosto muito de ensinar. Logo, Marcela

a quem substituo, retomará a seus afazeres. Devo, então, voltar à Colônia Casa do Saber, continuar os estudos e trabalhar transmitindo meus conhecimentos a outros desencamados. "

Admirei o banco em que nos sentávamos, muito bonito e de contornos diferentes. Notando, Walter explicou:

- Esses bancos são feitos por intemos em nossas oficinas.

- O trabalho é de grande ajuda e uma das melhores terapias para nossos abrigados - disse Elisa, olhando carinhosamente para Walter. - Mas não só para eles e, sim, para todos nós

encarnados e desencarnados. O trabalho é bênção. Corpos e mentes ociosos estão com as portas abertas aos vícios, enquanto que o trabalho nos mantém ocupados e nos abre outras portas opostas a eles. Aqui em nossas oficinas se faz muita coisa.

No Plano Espiritual, tudo pode ou poderia ser plasmado. Mas os que sabem dar formas às coisas são poucos, pois necessita-se de tempo e de muito aprendizado para a tarefa. O trabalho é uma bênção que ajuda intensamente a todos nós e, na espiritualidade, representa importante benefício, existindo trabalho

do mais simples ao mais difícil, para todos os que quiserem. Inúmeros desencamados ainda estão muito apegados ao modo de vida na Terra e, assim, quando trabalham, lhes é dado o bônus-hora. Os que já superaram esse apego, entendem o porquê do trabalho e não mais necessitam esse tipo de remuneração. Pessoas que já trabalham sem esse apego, quando chegam ao Plano Espiritual, participam da vida aqui, exercendo suas tarefas pelo Amor ao trabalho, não exigindo nada em troca. No hospital, os intemos que ali auxiliam, recebem - 17 - A Colônia Casa do Saber, que descrevi no terceiro livro, A Casa do Escritor, é onde moro atualmente, ao escrever este livro. E tenho planos de ficar aqui por muito tempo, sendo que virei raramente à Terra, para o contato com os encarnados. Foi uma opção que fiz, atendendo convite de superiores. É tarefa que faço com muita alegria, porque somos sempre os beneficiados pelas responsabilidades que nos oferecem. Devemos, pois, participar de todas elas com muito regozijo e amor, e dessa forma tudo o que realizarmos ficará bem feito. (N. A. E.)

O VÔO DA GAI VOTA

131

bem os bônus-hora, mas são poucos os trabalhadores que servem no hospital e que os recebem. Há muito tempo que não os necessito, mas lembro-me de minha alegria, quando obtive meu primeiro bônus-hora. Foi uma euforia trabalhar e ter uma compensação. Agora, minha alegria é somente ser útil. Não almejo recompensas.

Qui etamo-nos por alguns segundos. Meus pensamentos vagaram pela trajetória vivida por pessoas como Walter. Suas existências, até serem socorridos, são uma verdadeira tragédia. Elisa quebrou o silêncio.

- Patrícia, você não pode imaginar o tanto que sonhei, por todos estes anos de desencarnada, com este momento. Estar assim com meu Walter, em plena recuperação. Sou muito grata a Deus por esta oportunidade.

Fechou os olhos por momentos e depois começou a falar com sua voz suave.

- Tudo começou em nossas encarnações anteriores, em que fomos unidos pelo afeto maternal. Fui mãe dele, meu nome

Página 19

era Gertrudes. Nasci e cresci num bordel de uma cidade pequena, onde me tomei prostituta logo mocinha. Aos vinte anos, tive um filho, José, que é o Walter de agora. Até os seis anos, minha avó, que morava perto, cuidou dele. Quando ela desencamou, ele veio morar comigo. Mi mei-o demais, dando-lhe tudo o que queria e, muitas vezes, eu justificava minhas atitudes, falando que isso era bom para ele. Menino ainda, começou a tomar bebidas alcoólicas, e achei linda sua atitude.

O tempo passou rápido e ele tomou-se moço, foi então que percebi que ele andava se embriagando demais e tentei fazê-lo parar, só que não consegui. Quando chamava sua atenção, me respondi grosseiramente:

"Bebo por você ser o que é. Gostaria de ter uma mãe trabalhadeira e honesta!"

Isto me feria muito. E ele se embriagava cada vez mais, até que passou a ficar quase que somente bêbado. Desencarnamos quase que na mesma época. Fiquei doente e desencarnei após muito sofrimento. Ele ficou pelo bordel, onde todos o conheciam e lhe davam de comer, além de bebidas. Desencarnou

132 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

ao cair de uma ponte alta e bater a cabeça nas pedras. Sofremos, vagando juntos, pelo Umbral. Ele, sempre me culpando, dizia:

"Se tivesse me batido na primeira vez que bebi e não achado graça, eu não teria me tomado um bêbado."

Depois de muitos sofrimentos, fomos auxiliados e levados para um Posto de Socorro, onde ficamos por um período. Aconselhados a reencarnar, pedimos para renascer em famílias de costumes rigorosos que nos ajudassem a superar nossos vícios.

Atenderam-nos e reencarnamos, e viemos somente como conhecidos, nem amizade tivemos.

A família que me abrigou, educou-me com costumes rígidos, o que achava certo, pois me sentia segura. Queria acertar, queria vencer o vício e consegui. Fui uma moça honesta e trabalhadeira e, por ser bonita, fui assediada por muitos rapazes, mas não dei importância a nenhum. Não desejava namorar, pois sentia que ia desencamar logo e não queria deixar ninguém mais a sofrer por minha causa. E, realmente, tive câncer e desencarnei. Meus pais e meus irmãos sentiram bastante

minha falta, mas não me atrapalharam e muito me ajudaram com suas preces. O resto você já sabe.

Walter prestou muita atenção no que ouvia e, após uma

pausa, disse:

- Ao ouvir Elisa falar, as cenas vieram-me à memória.

Recordo... Era pequeno e já gostava de bebidas alcoólicas, e como minha mãe não proibia, passei a tomar muito, prejudicando-me. Gostava do bordel, porque ali todos me tratavam bem. Depois me tomei tão dependente do álcool, que só ficava embriagado e, assim, quando desencamei, sofri muito. Reencarnado, nesta última vez, como Walter, tive outra oportunidade,

mas logo o gosto pela bebida aflorou forte em mim. Bebia escondido, porque meus pais me proibiam e, como a bebida deixava cheiro, dificultava-me dissimular. Eles me vigiavam, regulavam meus horários e, percebendo minha tendência para a bebida, cheiravam minha boca sempre que voltava para casa. Então, enturmei-me com colegas na escola e experimentei a maconha e, depois de algum tempo, a cocaína. Comecei a tirar

notas baixas, sendo ainda aprovado naquele ano, mas no ano seguinte, em que já me viciara pesado, as notas pioraram e meu comportamento estava péssimo. Meus pais foram chamados pela diretora e souberam de tudo. Levei uma surra, tiraram-me da escola e passaram a me vigiar mais ainda. Desesperado com a falta da droga, fugi de casa e fui morar com viciados e traficantes num barraco. Meus familiares sofreram muito e meu pai, que era o mais rígido, mandou me dizer que ele ainda me aceitava em casa, se largasse o tóxico. Se quisesse ficar entre os criminosos, que os esquecesse, porque eu estava morto para eles. Como queria a droga, fiquei naquela vida. Minha mãe vinha me visitar, às escondidas, e trazia roupas, alimentos e dinheiro, mas chorava sempre quando me via. Continuei me drogando cada vez mais...

Ao recordar esses momentos dolorosos, Walter começou a gaguejar, falando com dificuldade as últimas frases. Começou a ter uma crise. Elisa e eu lhe demos um passe, que o acalmou, provocando-lhe sono e nós o levamos para o leito na enfermaria. Elisa, então, terminou a narração do que aconteceu com Walter.

- Ele contraiu dívidas por causa das drogas e, como não consegui pagar-las, foi assassinado. Desencarnou e continuou desesperado, alucinado pelas drogas, quando procurou o Túnel Negro. Naquele local eles ensinavam os desencarnados viciados a vampirizar encarnados para satisfazerem o vício e, também, o hipnotismo de Natan os fazia sentir como se tivessem usando drogas.

Nós ajeitamos Walter no leito e ele, sonolento, virou-se para mim e disse:

- Elisa não é culpada! Ninguém é responsável pelos nossos erros a não ser nós mesmos. Se antes eu a acusava, foi na tentativa de culpar alguém, de colocar em outros a responsabilidade que era só minha. Nesta última encarnação tive pais que se importaram comigo, honestos, exemplificaram o Bem e não tive a quem culpar a não ser a sorte, sendo que nossa sorte nos mesmos é que a fazemos. Não venci meu vício!

- Mas vencerá! - exclamei.

134 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

Walter dormiu.

- Como o tóxico prejudica a tantos imprudentes - disse Elisa. - Walter fará o tratamento muito tempo ainda, e só estará bem quando lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu e não sentir nada. Ele tem aula de Evangelização, faz orações, tem terapia e acompanhamento psicológico. E também, Patrícia

como foi boa a regressão para Walter, a doutrinação que ele recebeu, na reunião Espírita.

Elisa ajeitou o lençol do leito dele com carinho de mãe e em seguida, saímos silenciosas do quarto.

Elisa me acompanhou até outro jardim, que fica na frente do hospital. É um recanto mais bonito, cheio de flores coloridas e palmeiras frondosas. Ali muitos internos passeiam em horário de lazer, por ser um lugar agradável. Minha amiga convidou-me para sentar e falou:

- Patrícia, tenho, na espiritualidade, trabalhado em muitos lugares, entrando em contato com muitos trabalhadores e socorridos. Aprendi que aquele que ajuda, trabalha, está se exercitando no bem para que, pelo hábito, possa ter melhor disposição na conquista de sua evolução.

No meu convívio com você e com os integrantes do Centro Espírita, percebi que pode haver diferença. Quando Walter e eu estávamos sendo amparados, em nenhum momento me senti necessitada, como aquela que estava sendo ajudada. Pelo contrário, todos da equipe realizaram o socorro como se estivessem fazendo algo para eles mesmos, com naturalidade e atitudes rotineiras. E eles não estavam lidando com desencamados perturbados comuns, mas sim com espíritos trevosos e um mago maléfico ou um satanás, se assim podem-se designar Natan e sua equipe. Você pode me explicar o estado espiritual daqueles trabalhadores?

- Elisa, quase todos aqueles espíritos atingiram o chamado autoconhecimento e, aqueles que não o atingiram, estão se esforçando para tal. Não necessitam de estímulos externos, para fazerem o que fazem, nem pagamento ou recompensas

136 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

de qualquer espécie. Sabem que são pequenos, espiritualmente, conhecem todos os meandros da personalidade, com todas suas míserias, conflitos, condicionamentos, ilusões, e a nossa peculiar ignorância quanto à verdade daquilo que realmente somos. Não estão estacionados, vivem plenamente a onipresença Divina, e se sentem unos com ela, porque vivem como parte integrante do Universo. E, assim, trabalham, responsabilizando-se com tudo, como se a casa fosse deles.

Tudo o que fazem é por amor à vida, que está presente tanto neles como em qualquer manifestação Divina, daí a naturalidade e desprendimento que você sentiu em seu convívio.

- Patrícia, posso chamá-la de Gai vota?

Com meu consentimento, Elisa continuou:

- Então, Gai vota, como me explica o socorro prestado a mim. Ajuda? Trabalho? Bem realizado?

- Por que rne chama de Gai vota? - perguntei.

- Gai vota é um pássaro muito bonito - respondeu ela -, quase todo clarinho, elegante e de voar preciso. Depois sempre deixa sinal de seus pezi nhos na areia, mostrando que passou por ali. Deixa marcas. E você deixou marcas em nossas vidas

na minha e na de Walter.

Agradei, sorrindo e, após pensar uns momentos, respondi que sabemos porque escutamos, repetidamente, o que deveríamos colocar em prática em nosso dia-a-dia.

- Ajudar é favorecer, facilitar, fazer alguma coisa a alguém, prestar auxílio. É necessário esquecermos de nós mesmos quando ajudamos a alguém. E quando ajudamos alguém a melhorar, melhoramos o mundo em que vivemos. Temos o dever de auxiliar, do melhor modo possível, aqueles que surgem no nosso caminho.

Trabalho é aplicação na atividade, por isso devemos trabalhar por amor ao trabalho, não para cobrar pelos seus resultados. Com nosso exemplo nas tarefas úteis, podemos fazer outros nos seguirem, embora cada um deva fazer o que lhe compete, sem medo, tentando aprender cada vez mais. O amor precisa estar

presente em tudo o que fazemos, porque nos torna mais eficientes. E assim trabalharemos com alegria e gratidão, realizando

O VÔO DA GAI VOTA

bem as pequenas tarefas, quando demonstraremos ser dignos das grandes. Ao ajudar o próximo descobriremos o caminho da fraternidade e do amor. O que fazemos no presente, nos mostrará o que realizaremos no futuro. Sobre esse assunto, é muito interessante ler O Giuro dos Espíritos, de Allan Kardec, Parte Terceira, capítulo III, "Da Lei do Trabalho".

O Bem é praticado com Amor, pois ao fazê-lo nos tornamos melhores e estamos colaborando para melhorar a humanidade. É preciso fazer o Bem, expandindo os ensinamentos de Jesus, lembrando a toda sua doutrina de Amor. Mas sem confundir sentimentalismo com Amor, que deve ser benéfico e nos impulsionar na evolução. O Amor nos ajuda a vencer os obstáculos do caminho, e é o único capaz de nos redimir e nos levar ao progresso. Os resultados do Bem praticado só a Deus pertencem. Esqueçamos de créditos, nas tarefas da bondade, de vez que somos os primeiros beneficiados. O Bem nos alimenta? Sim, alimenta a todos nós e nos fortalece, levando-nos ao aprendizado do Amor.

Fiz uma pausa, o assunto é fascinante, embora tenha muita coisa para colocá-lo plenamente em prática. Pensei por momentos e minha amiga aguardou ansiosa que eu retornasse às elucidações.

- Elisa vamos mudar o enfoque de sua pergunta. Por que motivo alguém faz alguma coisa a outra pessoa? Mesmo sendo crente, de alguma seita ou religião, ou mesmo descrente? Qual o motivo que leva um ato a ter resultado bom ou mau? Será necessário existir algum motivo para se praticar alguma coisa? Observemos as diferentes motivações que envolvem as ações da maioria dos seres humanos: a ganância, o avarício, o desejo de trabalhar tanto e a explorar, quase sempre sem se preocupar com os semelhantes? O egoísmo, certamente. Que motivo leva o ladrão a agredir e roubar suas vítimas? O desejo de poder, para levar a maioria dos seguidores de Deus a deixar de fazer o que gosta e somente obedecer os outros. Não é o anseio de ter posse de uma situação sem problemas, o desejo de ser reconhecido? Será que isso também não será o mesmo que seja no Além? Mas se a recompensa, ao fazermos algo esperarmos recompensa,

seja de Deus, estaremos agindo com egoísmo, embora dessa

138 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

forma ajudemos muito outras pessoas e a nós mesmos, porque quem faz o bem trilha o caminho para se libertar desse sentimento, que é o egoísmo. O Bem sempre beneficia, enquanto a maldade prejudica. O dia em que não mais agirmos negativamente, estejamos encarnados ou desencarnados, haverá Paz e Harmonia na Terra, pois todos iremos fazer o que deve ser feito. Não haverá mais explorações nem comparações, pois isso é a causa de muitos conflitos, dores, sofrimentos e angústias na

convivência dos seres humanos. Cada um de nós estará feliz com a vida que tem e fará todo esforço para melhorar seu trabalho físico e seu aprimoramento espiritual. O desejo de posse, seja qual for, desaparecerá e teremos equilíbrio e Paz.

Você, Elisa, me perguntou o que concluo da experiência que tivemos juntas. Prefiro dizer que foi um período agradável em que aprendi muito e que poderei passar a outros a experiência. P

Fazer o Bem estando desencarnado é muito mais fácil, pois podemos trabalhar horas seguidas em determinada tarefa

seja no Plano Espiritual, até mesmo no Umbral, ou entre os encarnados, e, ao terminá-la, ou vencendo nosso horário de trabalho, temos o equilíbrio das Casas de Socorro, do nosso cantinho nas Colônias ou dos nossos Abrigos. Nós nos recomparamos rápido. E os encarnados? Eles têm seus afazeres físicos

têm a preocupação com a sua manutenção e de sua família. Têm o corpo para cuidar, higienizar, conservar sadio e, quando não, tentar sanar suas deficiências físicas. São muitos, Elisa, os encarnados que fazem o Bem apesar de todas essas dificuldades e, embora alguns ainda o façam por recompensa, um dia se libertarão dessa conduta. Outros, e são inúmeros, fazem-no por Amor, tendo como recompensa o prazer de servir. Como admiro os que fazem o Bem! E esse fazer deve ser no presente

agora, no momento. Não deixe, você, agora encarnado, p

ara
fazê-lo depois. No Plano Espiritual certamente terá oportunidade, mas é aí no corpo físico que se tem o grande aprendizado do bem. E ele deve ser feito sem se cultuarem nomes famosos

de desencarnados. Há muita sabedoria em praticar o bem com Amor e simplicidade.

Terminei minha explanação, trocamos ainda alguns comentários sobre o hospital. Elisa tinha que voltar ao trabalho, e nos despedimos com um abraço fraterno.

- Patrícia, tudo o que aconteceu ficará gravado na minha memória - disse ela com simplicidade.

Deixei o hospital, a Colônia Perseverança. Ainda estava no meu horário livre, a aula que eu daria só começaria mais tarde e, então, fui ver meus pais, que passavam uns dias no litoral, para descansar.

Não estava totalmente satisfeita com a resposta que dera a Elisa. Meditei sobre o assunto. Veio-me à mente a questão 642 de O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, capítulo I, cuja resposta é: "É preciso fazer o Bem no limite de suas forças, porque cada um responderá por todo mal que tiver ocorrido, por causa do Bem que deixou de fazer." 's Aí está a grande responsabilidade de não se aproveitar o momento.

Menina e adolescente, estudei num colégio católico e gostava muito de uma frase escrita no altar da capela: "Li olontá di Dio - Paradiso mio." '9 Compreendi-a assim: "Fazer a vontade de Deus é minha alegria." Qual é a vontade de Deus em relação a nós? Penso que é que cresçamos rumo ao progresso, que sejamos bons, que compreendamos, amemos uns aos outros, e que façamos todo o bem possível ao próximo e a nós mesmos pelo trabalho e Amor. Quanta fé possuía quem pronunciou essa frase e que exemplo nos deixou de resignação, ânimo e coragem.

Também sobre o assunto, lembrei-me de um ensinamento de Jesus, contido no Evangelho de Lucas, XVII: 7-10, quando o Mestre Nazareno nos ensina que o senhor não fica devendo obrigações ao servo, que fez o que ele mandou, e concluiu dizendo:

18 - Citação tirada da tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbo-sa-IDE. (N. A. E.)

19 - Copiamos na íntegra esta frase, é assim que está grafada em uma das paredes de sua pitoresca Capela. [N. A. E.]

140 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

"Somos servos inúteis; fizemos o que deveríamos fazer". Que temos que fazer? Seguir os mandamentos? Viver com dignidade e honradez? Não fazer o mal? Acredito que sim. E se não fizermos? Não seremos considerados nem servos. E para sermos servos úteis? Além de fazer o que nos compete, não praticar o mal, seguir os mandamentos, fazendo mais, muito mais. Trabalhar com Amor ultrapassando nossas obrigações, para o nosso bem, para o bem do próximo e, mais ainda, nada esperar em troca.

Encontrei meus pais caminhando na praia. A tarde quente de verão estava maravilhosa. É sempre encantador ver o mar com seu verde-azulado e com suas ondas a se desfazerem na areia. Caminhavam eles tranquilos desfrutando a calma do local. Aproximei-me. Amo-os tanto! Querendo obter mais informações sobre este assunto interessante, perguntei a meu pai, porque sua opinião foi, e será sempre muito importante para mim.

"Como é, papai" - disse-lhe de mente para mente -, "o que me diz sobre um trabalho realizado, o fazer o Bem, o porquê de o fazermos..."

Papai pensou e acompanhei seus pensamentos.

"Jesus em certa ocasião disse: O Pai age até hoje, eu também ajo. A vida é ação. Na natureza física tudo o que entra no estado de letargia apodrece e se desintegra. Semelhante é a nossa mente, que, se não for usada, petrifica e embrutece. Se canalizada para o mal, embora não regreda, produz dores e dívidas para si mesmo, pois quem prejudica se imanta ao prejudicado. E aí viverá, no ambiente que construiu agredindo a tudo e a todos. O homem sábio, conhecendo as implicações da ação, caminha em sintonia com a natureza que, de momento em momento, aperfeiçoa sua manifestação. Faz das suas ações a razão de sua vida e, ao agir beneficentemente, sente participar com Deus do seu perpétuo agir.

Não há vida sem relacionamento, e é no aprimoramento das relações que construímos, que está um novo céu e uma nova Terra.

Portanto, uma tarefa realizada que resulta no bem de

alguém não deve ser olhada como uma ajuda, tampouco como

trabalho, muito menos para aquisição de crédito junto do beneficiado ou de Deus, mas sim como o próprio exercício de viver. Pois, se Deus age, eu também preciso agir.

Jesus disse muitas vezes: Eu e o Pai somos um, só que Ele é maior que eu.

Quando chegarmos a compreender que o universo é nossa família, tudo o que venhamos a fazer, é para nós que estaremos fazendo ois tanto a casa como a família é nossa. Cuidemos de

nosso lar, quando encamados, sem esquecer nossa casa e de nossa família

para que ninguém nos elogie por algo que é nossa obrigação

Fazer dessa forma é como compreendo e como procuro fazer.

"Papai! Mas muitos encarnados não zelam bem por suas casas e nem cuidam bem de seus filhos".

"Fazer só a obrigação não dá merecimento, nem crédito, e nem deve ser alvo de elogios. Mas, se não cumprimos as obrigações, somos devedores, pois não realizamos o que era de nossa responsabilidade. Quando ultrapassarmos o tempo e o espaço, não mais existindo em nós créditos e débitos, iremos fazer todo o Bem pelo simples prazer de comungar com a vida pelo profundo Amor a todas as manifestações Divinas.

Viver a certeza da onipresença de Deus é diferente do chamado crer, ou de ter fé. Aqui residem dois opostos; o crer é volutivo, incerto, mutável de acordo com a emoção do momento e o viver na onipresença é sólido. Vamos exemplificar em nossa família consanguínea: Pai e filha é parentesco, não é crença, é um fato de que não há dúvida. Vivemos plenamente o fato do vínculo que nos une aos parentes mais próximos. Da mesma forma, como viver na onipresença de Deus não é um ato de momento, ou atitude de crença, é a visão plena e total

que estou em Deus e Ele está plenamente em mim. Portanto, de quem eu sou filho, foi Dele. Mas, Dele é meu e o que é meu é Dele. Apesar de não existir separação entre mim e Dele, Plena e inteiramente existo, só Deus é plenitude total."

O horário me chamava ao regresso. Beijei-os. Volitei a alguns metros do solo e olhei-os. À sua frente estava uma gaiota

142 PATRÍCIA / VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

que, ao sentir a proximidade deles, voou tranqüila, ganhando com seu vôo, espetacular altura, deixando desenhados na areia seus pezinhos...

Meus pais se afastaram e suas pegadas ficaram...

Há pessoas que passam pela vida e deixam marcas...

t l l t

Se você gostou deste livro o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com as pessoas do seu relacionamento, dar de presente à alguém que você sinta estar precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tenha condições de comprar. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura Espírita. Entre nessa corrente!

VIOLETAS NA MANSÃO ESCRITÓRIO TORRE
JANECA ESPÍRITAS A casa do Escn

Primeiro livro da - é um local fascinante
Agora já ambienta

série, onde a jovem da nova vida, ciente onde se re-
autora, que desenhada nos leva, unem todos aqueles
carnou com apenas através dos cursos que de uma forma
1 g anos, conta com ou de outra traba-
mo isso ocorreu e que realiza, conheçam com literatura

Página 26

GAI VOTA2.TXT

sua adaptação no cer e entenderPvá- moralizante, princi-
Mundo Espiritual. ria is egá s como lo Palmente a literatu-
Você irá apreciar o tua , ra Espirita. Lá, o es-
relato, descrevendo n á b postos deoSo- parl tex órs ná s mé-
as descobertas do
outro lado da vida. corros e outras lo- di uns, aprende tam-
Como é o dia-a-dia calidades. Mui tos bém técnicas de re-
temas são transmi - dação. Patrícia ain-
do espírito, como se 1 dos, da arruma tempo
vestem suas ne- tidos e ana isa

cessidades físicas, sempre com a sau- para contar o seu
. V ocê irá se dável curiosidade passado, uma boni -
etc que é a p
encantar com este eculiari - ta história de final
livro. dade da autora. romântico.

Todos psicografados pela médium

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

s livr
os da Patrícia já
são best sellers

RECONCIIIA ãO

Fascinante, comoven-
te e esclarecedora
narrativa, um livro
que agrada a todos.
Sua trama envolven-
te, começa com um
duplo assassinato, o
pai matando a golpes
de faca, sua esposa e
seu filho. Mas após
todo este drama, o lei -
tor viverá uma pro-
funda lição de amor,
solidariedade, abne-
gação e ternura num
relato maravilhosamente
comovente,
você irá se apaixonar
por ele!

coPos c vE
ANDAM

Um livro que em fun-
ção do próprio tema,
todos devem ler e di -
vulgar, pois aborda os
perigos de invocar
espíritos por meio de
objetos tais como:
copos, pêndulos, etc.
Muitas são as histó-
rias que entremeiam
a narrativa, destacan-
do a da garota Nely
que é induzida pe-
los espíritos inferio-
res, a matar o pró-
prio pai e suicidar-se
posteriormente.

FI HO ADOTIVO

Além de exaltar a ca-

ridade e a grandeza de pais que conseguem amar filhos alheios, este livro traz uma trama muito envolvente, enfocando dois irmãos, que, sem o saberem, namoram e pretendem se casar. Mas, a intervenção da mãe, já falecida, aliada a espíritos amigos tentam de todos os meios evitar o matrimônio, trazendo a cada página, gratas surpresas, fazendo deste livro, excelente leitura e sahoroso aprendizado.

PAI CO DAS ENCARNações

Eis uma história realmente interessante. Augusto, é o personagem principal de duas encarnações diferentes, uma como filho de dono de engenho e senhor de escravo e depois como negro, escravo no mesmo engenho. Você irá se emocionar com suas tentativas de ajudar seus entes queridos. A luta num tempo em que a lei era do mais forte!

Livros de Antônio Carlos
Psicografados pela médium
Vera Lúcia Mari nzeck de Carvalho